



RESUMOS > COMUNICAÇÕES
Quinta-feira > 19/10 > 14:00-15:30
Sala 2076

Alexandre Pandolfo > Universidade Federal de Santa Catarina/ PPG

Literatura

Fragmentos da impostura: Felix Krull, de Th. Mann, e estética negativa

Trata-se de uma comunicação dedicada à análise do romance inacabado de Thomas Mann, publicado finalmente em 1954, “Confissões do impostor Felix Krull”. A presente análise vincula-se à filosofia e à exposição estética negativa, proposta por Theodor Adorno. Procura expor que as Confissões do trapaceiro Krull tecem um jogo próprio de linguagem, não repetindo meramente as experiências e as ações que o narrador vivenciou, pois a própria narrativa se apresentaria como uma nova aventura. Uma aventura estética. Aventura da metamorfose. Do rosto e da voz que assumem outra forma. Que logram. Assim, as Confissões inscreveriam a si mesmas como uma espécie de originalidade segunda. Tecem-se junto à tradição, parodiando Goethe e Rousseau. O uso mimético da linguagem poética aponta para uma nova forma de domínio experimentada pelo narrador impostor. Estas Confissões enganam. Elas substituem em causa própria a existência material dos eventos que narram. E se as Confissões podem tornar-se intercambiáveis com o passado eventualmente acontecido é porque o êxito da sua sedução linguística apresenta seu lastro social. E este é um dos focos políticos e estéticos da presente análise, permeada também pela crítica a elementos filosóficos tradicionais, tais como o belo, a aparência e a mímesis. A prima facie da beleza imperturbada na narrativa seria o contraponto da aparência social trazida à narração nesse texto híbrido, culturalmente mestiço, impuro e inútil, construto falso-verdadeiro, cópia no qual faz figura a beleza, ainda aquém da

evidência histórica da barbárie, como culminância do que se conhece por civilização ocidental no século XX, já que o romance do narrador impostor Felix Krull desdobrou-se literalmente no curso desse século. Trata-se, portanto, dessa comunicação, da tentativa e do exercício de uma crítica estética e política, elaboradas desde as matérias literária e filosófica.

Silke Kapp > Universidade Federal de Minas Gerais – Escola de Arquitetura

Artes e modo de produção da sociedade emancipada

William Morris costuma ser lembrado pela historiografia da arte como criador de um estilo peculiar de artes decorativas, enfronhado nos ofícios, nostálgico, contrário à indústria mecânica, e, ainda assim, paradoxalmente, precursor do chamado Movimento Moderno. Bem menos conhecidos são seu engajamento político, sua leitura da obra de Marx – de quem foi contemporâneo – e sua formulação de uma teoria crítica da produção material. Ao contrário do que reza a interpretação consolidada (sobretudo por Nikolaus Pevsner), Morris não está interessado numa popularização do consumo de objetos esteticamente qualificados, mas numa sociedade em que a criação deixa de ser privilégio dos gênios e se torna prática corriqueira. Isso significaria a popularização da produção artística, o fim da alienação nos processos produtivos e, conseqüentemente, uma revolução do modo de produção. Morris vê o trabalho emancipado como corolário de uma sociedade emancipada, e este tipo de trabalho é o que ele chama de arte. O presente texto tem por objetivo retomar alguns dos conceitos centrais dessa concepção, mostrando sua consistência e originalidade teóricas e evidenciando por que e de que maneira ela se aproxima e se diferencia de outras teorias críticas, em particular das de Marx e de Theodor Adorno. Morris abre a perspectiva de um trabalho material que não seria um fardo a minimizar, mas uma escolha livre, motivada pelo prazer no processo e no produto e realizada com imaginação individual e coletiva.

ESTÁDIO ESTÉTICO, CULTURA E POLÍTICA NO PENSAMENTO DE KIERKEGAARD

Kierkegaard possui uma proposta de análise estética da vida humana, sob a batuta existencial, em que a denomina de “Estádio Estético”. Nele é possível se abstrair de uma perspectiva totalizante (sob o enunciado político) para se obter um resultado muito mais relevante e interessante sob a sua perspectiva culturalista. O pensamento culturalista de Kierkegaard pode ser compreendido pela conjunção de interesses em comum, que define, em um primeiro plano, a perseguição dos interesses próprios de cada homem. Em segundo plano, quando há a coincidência de interesses ocorre a formação de círculos de culturas específicos que vão se amontoando gradativamente até que se forme todo o espectro cultural que se distende da forma mais variável e diversa o possível. Assim, a multiplicidade dos elementos culturais, formados esteticamente, não se dá no interesse em si mesmo, como se a gênese do interesse, antecedesse, por si mesma, a própria cultura em que o interesse se insere. Os vieses políticos, portanto, são múltiplos e multifacetados, variando de acordo com a conjuntura e de modo relativo ao seu próprio modo de apreciação (subjetivo). Tomando-se por base o adágio kierkegaardiano que “a subjetividade é a verdade”, a construção estética (e conseqüentemente, política) não se dá de modo uniforme e dominante, em nenhum dos espectros possíveis (seja de direita ou de esquerda política). Desse modo, o cenário político não é uma homogênea imposição dominante ou uma inserção inarredável de estruturas, e, sim, um avanço de interesses esteticamente relevantes para o ambiente cultural em que o homem se insere.